

Título: **Bronislaw Geremek (1932-2008)**

Autor(es): **José Mattoso**

Fonte: *Medievalista* [Em linha]. N.º5, (Dezembro 2008). Direc. José Mattoso. Lisboa: IEM.

Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/>

ISSN: 1646-740X

Embora muitos medievalistas não franceses tenham procurado seguir as sugestões de Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Georges Duby ou Jacques Le Goff para renovar a temática historiográfica na segunda metade do século XX, poucos houve que tivessem assimilado tão completamente os princípios da chamada «escola dos *Annales*» como o polaco Bronislaw Geremek, falecido no passado dia 13 de Julho num acidente de automóvel, quando viajava para Bruxelas. A sua ligação ao medievalismo francês permanece ainda hoje como uma característica referencial, não só devido ao aparelho conceptual que usou, mas também porque o seu primeiro e um dos mais célebres livros teve por tema *Les marginaux parisiens au XIVe et XVe siècles*, isto é um tema francês. Foi a tese de doutoramento que defendeu em Paris em 1972. Já antes disso tinha publicado *Le salariat dans l'artisanat parisien aux XIIIe-XVs siècles* (1968). Vivendo em Paris desde 1962, desempenhava as funções de director do Centre de civilisation polonaise da Universidade de Paris (Sorbonne). Era desde 1950 membro do Partido Comunista Polaco, mas abandonou-o em 1968 como forma de protesto contra a purga anti-semita desse ano e contra o papel da União Soviética na «Primavera de Praga» também em 1968.

O seu interesse pelo grupo social mais baixo da população, tema até então quase desconhecido, mas bem em consonância com o género de questões que interessavam aos mentores dos *Annales*, permaneceu na sua carreira de investigador como a sua «imagem de marca». Não foi o primeiro a estudá-lo: em 1965 Michel Mollat publicava o seu *Pauvres et pauvreté à la fin du XIIIe siècle* e viria a organizar uma larga rede de pesquisa acerca da «pobreza» na Idade Média, com a colaboração de medievalistas de vários países, o que lhe permitiu publicar outras obras sobre o mesmo tema em 1974 e 1978 e ainda uma outra sobre *Les révolutions populaires en Europe aux XIVe-XVe siècles* (1976). Com a colaboração da Prof. Virgínia Rau, Michel Mollat orientou, em Lisboa, um congresso luso-espanhol, hoje esquecido, sobre um tema aproximado: a pobreza e a assistência. Tratava-se de uma novidade, porque a história social era ainda, entre nós, nos últimos anos do regime salazarista, um assunto tabu. Aproveitando o ambiente marcelista e o «arejamento» trazido pelas reformas de Veiga Simão, Virgínia Rau tentava modernizar a temática da investigação histórica, admitindo que nem toda a história social e económica seria disfarce para a propaganda marxista, como pensavam os intelectuais do regime. Entretanto veio o 25 de Abril, e as atenções viraram-se, entre nós, para outras matérias. Alguns dos congressistas, porém, não esqueceram o tema, como, por exemplo a Prof^a. Maria José Ferro Tavares. Entretanto, o Prof. Baquero Moreno estudava a marginalidade e, mais recentemente, o Prof. Luís Miguel Duarte tomava a criminalidade como tema de doutoramento.

Geremek, pelo seu lado, apesar de ter aderido ao movimento da *Solidariedade* desde 1980, tornou-se o mais conceituado especialista europeu da marginalidade medieval, como testemunham as suas obras mais conhecidas, *Truands et misérables dans l'Europe moderne, 1350-1600* (1980) e *La potence ou la pitié. L'Europe et ses pauvres du Moyen Age à nos jours* (1987 ; traduzido em português nas ed. Terramar). O sucesso que com elas obteve valeu-lhe a nomeação como professor convidado de uma cátedra internacional no Collège de France acerca da «Histoire sociale: exclusions et solidarités» (1992-1993). Não se tratava de uma actividade meramente erudita (como era, até certo ponto, a de Michel Mollat, que se dedicou também a outros temas muito diversos), mas sim o resultado de um empenhamento pessoal de grande coerência e de grande generosidade, como se verá na segunda parte desta evocação.

O seu comprometimento activo inspirou-lhe, no plano intelectual, além do estudo do papel dos pobres e marginais na sociedade medieval e moderna, um especial interesse pelo problema da formação do conceito de Europa e, dentro deste, o problema da contribuição dos países de Leste para a formação do espírito europeu. Foi isso que o levou a estudar os fundamentos da cultura europeia numa obra sobre «As raízes comuns da Europa», uma série de estudos publicada, primeiro, em italiano em 1991, e depois em inglês em 1996 (*The Common Roots of Europe*). Antes disso, porém, tinha já procurado averiguar que contribuição havia dado a Polónia para a cultura europeia, o que lhe forneceu matéria para outra obra, terminada já na década de 80, mas impedida de publicar até 1997 («Cultura medieval polaca, séculos XIV e XV», Varsóvia) devido ao seu activo papel na contestação ao regime comunista desde as primeiras manifestação da *Solidariedade*.

Independentemente da posição ideológica que assumiu na Polónia e no Parlamento Europeu, Geremek tornou-se um modelo de empenhamento político e de seriedade intelectual, um pouco à maneira de Marc Bloch que, como se sabe, foi fuzilado durante a ocupação nazi da França, devido às suas actividades na Resistência clandestina. O seu perfil de historiador é inseparável do papel que desempenhou como actor da própria História. Para conhecer as suas actividades neste campo, damos a palavra a Jorge Almeida Fernandes, que, como especialista de política internacional, as conhece bem. Agradecemos a sua autorização para aqui transcrever a segunda e terceira partes do artigo que publicou no suplemento P2 do jornal *Público* três dias depois da sua morte, no dia 16 de Julho de 2008. Suprimimos apenas o parágrafo em que dá o elenco das principais obras de Geremek. O seu sentido da responsabilidade pessoal na defesa dos valores humanos e culturais fez dele uma referência ímpar para quem acredita que a melhor História não é a que colecciona e arruma factos do passado, como quem faz dela uma capela de ossos, mas a que nela procura o alimento necessário à preservação da nossa própria vida humana e à busca do seu verdadeiro sentido.